



FHC durante seu discurso: "Vamos fazer com que o século 21 não seja o tempo do medo."

O discurso na Assembléia

Este é o discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na abertura da Assembléia da ONU:

"Senhor presidente, senhoras e senhores. Por uma tradição que remonta aos primórdios desta organização, o mês de setembro em Nova York é marcado por uma celebração do diálogo: a abertura do debate desta Assembléia-Geral da ONU.

Não foi assim este ano.

A ação mais contrária ao diálogo e ao entendimento entre os homens marcou o mês de setembro em Nova York, como em Washington: a violência absurda de um golpe vil e traíçoeiro dirigido contra os Estados Unidos e contra todos os povos amantes da paz e da liberdade.

Foi uma agressão inominável a esta cidade, que, talvez mais do que qualquer outra, é símbolo de uma visão cosmopolita. Uma cidade que sempre acolheu indivíduos de toda parte, como os judeus holandeses de origem portuguesa que no século 17 se transferiram do Brasil para a então Nova Amsterdã. Nova York cresceu, prosperou e firmou-se dentro dos valores do pluralismo.

Atentados – Os atentados de 11 de setembro foram uma agressão a todas essas tradições. Uma agressão à humanidade. Como primeiro chefe de Estado a falar nesta sessão da Assembléia, quero ser muito claro,

das: a luta contra o terrorismo não é, nem pode ser, um embate entre civilizações, menos ainda entre religiões.

Violência – Nenhuma das civilizações que enriquecem e humanizam nosso planeta pode dizer que não conheceu, em seu próprio interior, os fenômenos da violência e do terror. Em todo o mundo, problemas de segurança pública, consumo e tráfico de drogas, contrabando de armas, lavagem de dinheiro são males afins ao terrorismo, que devemos extirpar. Quero sugerir, desta tribuna, a realização de uma campanha mundial de opinião pública que conscientize os usuários de drogas em todos os países para o fato de que estão, ainda que involuntariamente, contribuindo para financiar o terrorismo.

Se pretendemos estrangular o fluxo de recursos de que as redes ou facções terroristas se valem para espalhar a destruição e a morte, é imprescindível reduzir drasticamente o consumo de drogas em nossas sociedades. Além disso, devemos evitar que

peito aos direitos humanos. Mas ao fato de que a globalização tem ficado aquém de suas promessas.

Há um déficit de governança no plano internacional, e isso deriva de um déficit de democracia. A globalização só será sustentável se incorporar a dimensão da justiça. Nossa lema há de ser o da globalização solidária, em contraposição à atual globalização assimétrica. No comércio, já é hora de que as negociações multilaterais resultem em maior acesso dos produtos dos países em desenvolvimento aos mercados mais prósperos.

Rodada do desenvolvimento – Os ministros reunidos em Doha têm uma pesada responsabilidade: a de fazer com que o novo ciclo de negociações multilaterais de comércio seja realmente uma 'Rodada do Desenvolvimento'. Para isso, é indispensável avançar com prioridade nos temas mais relevantes para a eliminação das práticas e barreiras protecionistas nos países desenvolvidos.

O Brasil, que vem liderando negociações para garantir maior acesso aos mercados e melhores condições humanitárias para o combate às

“A luta contra o terrorismo não é, nem pode ser, um embate entre civilizações, menos ainda entre religiões”

Há um mal-estar indisfarçável no processo de globalização. A globalização tem ficado aquém de suas promessas

A força da ONU passa por um Conselho de Segurança mais representativo, cuja composição não pode continuar a refletir o arranjo entre os vencedores de um conflito ocorrido há 50 anos

as diferenças de regimes fiscais entre os países sirvam como instrumento para a evasão de divisas essenciais ao desenvolvimento ou como proteção para as finanças do crime organizado, inclusive de ações terroristas.

Se a existência de paraísos fiscais for indissociável desses problemas, então não devem existir paraísos fiscais. Coloquemos um fim a esses abrigos da corrupção e do terror, até hoje admitidos complacentemente por alguns governos.

Globalização solidária – É natural que, após 11 de setembro, os temas da segurança internacional assumam grande destaque. Mas o terrorismo não pode silenciar a agenda da cooperação e das outras questões de interesse global. O caminho do futuro impõe utilizar as forças da globalização para promover uma paz duradoura, baseada, não no medo, mas na aceitação consciente por todos os países de uma ordem internacional justa. Sobre essa questão, tenho procurado mobilizar as várias lideranças mundiais. O Brasil quer contribuir para que o mundo não desperdice as oportunidades geradas pela crise de nossos dias.

Pensemos na causa do desenvolvimento, um imperativo maior. Há um mal-estar indisfarçável no processo de globalização. Não me refiro a um mal-estar ideológico, de quem é contra a globalização por princípio, ou recusa a idéia de valores universais, que inspiram a liberdade e o res-

peito aos direitos humanos. Mas ao fato de que a globalização tem ficado aquém de suas promessas.

Há um déficit de governança no plano internacional, e isso deriva de um déficit de democracia. A globalização só será sustentável se incorporar a dimensão da justiça. Nossa lema há de ser o da globalização solidária, em contraposição à atual globalização assimétrica. No comércio, já é hora de que as negociações multilaterais resultem em maior acesso dos produtos dos países em desenvolvimento aos mercados mais prósperos.

Rodada do desenvolvimento – Os ministros reunidos em Doha têm uma pesada responsabilidade: a de fazer com que o novo ciclo de negociações multilaterais de comércio seja realmente uma 'Rodada do Desenvolvimento'. Para isso, é indispensável avançar com prioridade nos temas mais relevantes para a eliminação das práticas e barreiras protecionistas nos países desenvolvidos.

O Brasil, que vem liderando negociações para garantir maior acesso aos mercados e melhores condições humanitárias para o combate às

Fontes de financiamento – É necessário renovar as instituições de Bretton Woods e prepará-las para os desafios do século 21. É preciso dotar o FMI de mais recursos e de capacidade para ser um emprestador de última instância, e atribuir ao Banco Mundial e aos bancos regionais o papel de promotores mais ativos do desenvolvimento. Devemos reduzir a volatilidade dos fluxos internacionais de capital e assegurar um sistema financeiro mais previsível, menos sujeito a crises, na linha do que vem sendo proposto pelo G-20.

No mesmo sentido, embora não se ignorem as dificuldades práticas de um mecanismo como a Taxa Tobin, poderíamos examinar alternativas melhores e menos compulsórias. Proponho que a Conferência sobre o Financiamento do Desenvolvimento, a realizar-se no próximo ano em Monterrey, dedique especial atenção a essas questões. Pensemos, também, em formas práticas de cooperação para amenizar o drama da aids, sobretudo na África. Até quando o mundo ficará indiferente à sorte daqueles que

ainda podem ser salvos de enfermidades, da miséria e da exclusão? O final do século 20 marcou o fortalecimento de uma consciência de cidadania planetária, alicerçada em valores universais. O Brasil está decidido a prosseguir nessa direção.

Tratados – O Tribunal Penal Internacional será um avanço histórico para a causa dos direitos humanos. A proteção do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável são também desafios inadiáveis. A marcha das alterações climáticas é um fato cientificamente estabelecido, mas não é inexorável.

O futuro depende do que fizemos hoje, em particular com relação ao Protocolo de Kyoto. É preciso achar a melhor maneira de implementá-lo. Os eventos atuais, inclusive nesta cidade, mostram a dimensão da ameaça das armas de destruição em massa. Quer se trate de armas bacteriológicas, como o antraz, de armas químicas ou nucleares, não há alternativa ao desarmamento e à não-proliferação. Impedir que a ciência e a tecnologia se transformem em arma dos insensatos é imperativo ético, que só se efetiva com a interferência ativa e legítima das Nações Unidas no controle, destruição e erradicação desses arsenais.

Estado Palestino – Assim como apoiou a criação do Estado de Israel, o Brasil hoje reclama passos concretos para a constituição de um Estado Palestino democrático, coeso e economicamente viável. O direito à autodeterminação do povo palestino e o respeito à existência de Israel como Estado soberano, livre e seguro são essenciais para que o Oriente Médio possa reconstruir seu futuro em paz. Esta é uma dívida moral das Nações Unidas. É uma tarefa inadiável.

Como inadiável é a superação do conflito em Angola, que merece a oportunidade de retomar seu caminho de desenvolvimento. O mesmo futuro o Brasil deseja ao Timor Leste, que esperamos ver em breve ocupando seu assento nesta Assembléia como representação soberana. Para responder a problemas cada vez mais complexos, o mundo precisa de uma ONU forte e ágil.

Reforma – A força da ONU passa por uma Assembléia-Geral mais atuante, mais prestigiada, e por um Conselho de Segurança mais representativo, cuja composição não pode continuar a refletir o arranjo entre os vencedores de um conflito ocorrido há 50 anos, e para cuja vitória soldados brasileiros deram seu sangue nas campanhas da Itália.

Como todos aqueles que pregam a democratização das relações internacionais, o Brasil reclama a ampliação do Conselho de Segurança e considera ato de bom senso a inclusão, na categoria de membros permanentes, daqueles países em desenvolvimento com credenciais para exercer as responsabilidades que a eles impõe o mundo de hoje.

Como considera inherent à lógica das atuais transformações internacionais a expansão do G-7 ou do G-8. Já não faz sentido circunscrever a um grupo tão restrito de países a discussão dos temas que têm a ver com globalização e incidem forçosamente na vida política e econômica dos países emergentes. Uma ordem internacional mais solidária e justa não existirá sem a ação consciente da comunidade das nações.

É um objetivo demasiado precioso para ser deixado ao sabor das forças do mercado ou aos caprichos da política de poder. Não aspiramos a um governo mundial, mas não podemos contornar a obrigação de assegurar que as relações internacionais tenham rumo firme e reflitam a vontade de uma maioria responsável.

A sombra nefasta do terrorismo demonstra o que se pode esperar se não formos capazes de fortalecer o entendimento entre os povos.

Esta organização foi criada sob o signo do diálogo.

Diálogo entre Estados soberanos que sejam súditos de nações livres, cujos povos participem ativamente das decisões nacionais. Com sua ajuda, vamos fazer com que o século 21 não seja o tempo do medo. Que seja o florescimento de uma humanidade mais livre, em paz consigo mesma, na caminhada sensata para a construção de uma ordem internacional legítima, aceita pelos povos e ordenadora das ações dos Estados no plano global.

Este é o desafio do século 21. Saímos enfrentá-lo com a visão grandiosa dos fundadores desta organização, que sonharam com um mundo plural, baseado na paz, na solidariedade, na tolerância, e na razão, que é a matriz de todo o Direito.